



Seminário OS NOVOS RUMOS DA ECONOMIA DO DF

Associação FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DE BRASÍLIA
PÊRIODICO: BRB Colaboração: SESC PLANAC

26/27
OUTUBRO 82



Newton Rossi, ao encerrar o Seminário: os empresários de Brasília não querem engrossar o coro dos pessimistas, mas encontrar saídas na crise

Empresários divisam soluções

Ao encerrar o Seminário, Newton Rossi afirma que posição não é de pessimismo diante da crise

“A classe empresarial brasileira recusa-se a engrossar o coro de pessimismo generalizado. Pretende, ao contrário, assumir a vanguarda dos que vêm a crise não apenas por seu lado dramático, mas como fator gerador de soluções. O encontro dos empresários brasileiros foi o ponto de partida para firmar essa nova postura diante da conjuntura atual”.

Esse é um trecho do discurso proferido ontem pelo presidente da Federação do Comércio de Brasília, Newton Egdio Rossi, no encerramento do seminário “Os Novos Rumos da Economia do Distrito Federal”, rebatendo, dessa forma, o desânimo de alguns setores da sociedade brasileira diante do aprofundamento da crise econômica mundial que se pronuncia para o próximo ano.

Não é com desânimo e perplexidade, segundo Newton Rossi, que se combaterá a crise que também ameaça o Brasil, mas da maneira como agiram os empresários brasileiros ao promover um seminário, procurando discutir os problemas comuns do Distrito Federal, em busca de soluções contundentes. E dentro dessa disposição para reagir à crise, o presidente da FCB, enfa-

tiza que, “por cima de nossas divergências, há um profundo ponto de convergência: acreditamos em soluções capitalistas para a presente crise”.

A seguir, a íntegra do discurso.

“Brasília, de há muito, superou sua destinação inicial de berço esplêndido dos poderes da república. Apesar do ceticismo em torno de seu futuro, que sempre a perseguiu, a jovem capital mostrou-se, em tempo recorde, viável economicamente. Prova disso é o constante e crescente fluxo migratório a esta capital, que até aqui, mostrou-se, apesar de tudo, capaz de absorvê-lo.

Os tempos, no entanto, são de profundas mutações. Dificuldade mundial, que não dá mostras de arrefecer seu ímpeto, desaba com peso redobrado sobre as nações em desenvolvimento. Nesse contexto, o empresariado brasileiro tem-se mostrado presente. Mais que isso, tem combatido a tendência pessimista, que nada constrói, contrapondo-a com intensos e frequentes debates sobre os grandes temas da atualidade. Dentro desse espírito, a Federação do Comércio de Brasília reuniu, em seminário, suas classes produtoras com o objetivo de repensar a realidade sócio-econômica da capital e examinar os reajustes necessários.

1983, antes mesmo de iniciar-se, desponta como uma perplexidade para os brasileiros. A classe empresarial brasileira recusa-se a engrossar o coro de pessimismo generaliza-

do. Pretende, ao contrário, assumir a vanguarda dos que vêm a crise não apenas por seu lado dramático, mas como fator gerador de soluções. O encontro dos empresários brasileiros foi o ponto de partida para firmar essa nova postura diante da atual conjuntura. Pretendeu-se, com ele, abrir um novo canal de participação, pelo qual possam fluir informações que interessem de perto os homens de empresa do Distrito Federal, da região geoeconômica da capital e do centro-oeste. Por cima de nossas possíveis divergências, há um profundo ponto de convergência: acreditamos em soluções capitalistas para a presente crise. Não vemos saída fora da economia de mercado e da liberdade de iniciativa.

A economia do Distrito Federal está diante de perigoso impasse. O elevado crescimento demográfico, causado pela imigração, depara-se com a redução substancial do ritmo de absorção de empregos na área governamental e com a contratação do mercado na construção civil que, sozinho, chegou a responder por 56% da mão-de-obra do DF. O resultado é óbvio: desemprego.

Esse dramático quadro tem seu lado positivo: obriga a uma profunda reavaliação do papel inicialmente destinado a Brasília - isto é, ser tão somente uma cidade administrativa. A cidade, hoje, de certa forma, já desfez esse equívoco. E o seminário que promovemos traçou o perfil ideal da capital, antevista por suas classes produtoras. Sustentamos a

vocação agrícola e industrial do Distrito Federal, sem prejuízo de sua destinação histórica de centro político-administrativo.

A vocação agrícola do Distrito Federal é inquestionável. Afinal, a região geoeconômica da capital insere-se em uma das mais promissoras áreas agrícolas do planeta: os cerrados. Trata-se de uma das últimas reservas de terras do mundo com capacidade para suportar, imediatamente, a produção de cereais e formação de pastagens. E o investimento, para viabilizá-la está ao nosso alcance: basta uma infra-estrutura mínima de transporte e disponibilidade de tecnologia agrícola capaz de gerar produção, preservar e melhorar a qualidade do solo, através de processos economicamente acessíveis.

A vocação industrial de Brasília provoca, habitualmente mais controvérsias. Creemos, no entanto, que os que a ela se opõem lutam contra as evidências. Potencialmente, Brasília dispõe de condições privilegiadas para industrializar-se:

Grande mercado consumidor; disponibilidade de recursos essenciais (água, energia); está distante dos demais centros consumidores; inexistências de mercado de matérias-primas beneficiadas para indústria; situa-se em região de grande expansão agrícola; e possui população com bom nível de escolaridade.

Para materializar essa aspiração do empresariado brasileiro, não são muitos os incentivos necessários por parte do governo:

— Terrenos a preços subsidiados, com financiamento a longo prazo; recursos financeiros subsidiados - Fundefe; dilatação no prazo de recolhimento do ICM nos dois ou três primeiros anos de instalação; e utilização dos cursos profissionalizantes da rede oficial de ensino para preparação de mão-de-obra semi-especializada.

Não se imagina, no entanto, para Brasília a implantação de um gigantesco parque industrial que desvirtue as características da cidade. Acharmos, porém, que a industrialização em alguns setores - como a informática - não traria qualquer inconveniente para a estrutura da capital. Pensamos mesmo que Brasília pode ser, em termos brasileiros, o equivalente ao Vale do Silício, que abriga substancial parcela da indústria micro-eletrônica dos Estados Unidos.

Importante ressaltar que essas colocações não se pretendem conclusivas, o debates apenas se inicia. E o presente seminário mostrou que o momento exige a soma de todas as inteligências empreendedoras da sociedade. Esperamos que sirva de exemplo para as classes empresariais dos demais Estados e que eventos como este proliferem por todo o país. Só assim enxergaremos a luz de um horizonte mais amplo e promissor, onde poderemos transformar as dificuldades atuais em soluções para o futuro.

Que deste seminário saiam os novos rumos da economia do Distrito Federal!”

(Assinatura)